



ESTUDOS FILOLÓGICOS NA CONTEMPORANEIDADE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Rosa Borges dos Santos¹
Universidade Federal da Bahia

Entrevista² concedida pela Professora Doutora Rosa Borges dos Santos, que possui Doutorado em Letras e Linguística, na linha de pesquisa Crítica Textual, pela Universidade Federal da Bahia, instituição na qual atua como Professor Associado do Instituto de Letras e como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura. Possui experiência na área de Letras, atuando principalmente no âmbito da Crítica Textual e da Crítica Genética. Desenvolve Projeto de Pesquisa que tem por objeto de estudo textos teatrais censurados produzidos no período da Ditadura na Bahia.

O currículo Lattes da professora está disponível no seguinte endereço:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4791971Z8>

¹ E-mail: rosabsc@ufba.br

² Esta entrevista se deu mediante contato por correio eletrônico, entre os meses de novembro e dezembro de 2015.

REVISTA INVENTÁRIO (RI): Fale-nos sobre a sua trajetória acadêmica nos estudos realizados no campo da filologia.

ROSA BORGES (RB): Minha trajetória acadêmica nos estudos realizados no campo da Filologia teve início em 1990, quando comecei a ensinar Filologia Românica e a fazer pesquisa na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e, a partir de 1992, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). As vertentes da linguística românica, mais expressiva nos currículos dos cursos, da crítica textual, dos estudos de paleografia e diplomática e da pesquisa em Letras e Linguística foram exploradas em minha prática docente. Na condição de pesquisadora, os estudos filológicos (de textos portugueses) e, em especial, a crítica textual e sua relação com a crítica genética definiram o *locus criticus* dos estudos realizados. A pesquisa com Arthur de Salles, poeta baiano com quem passei pouco mais de oito anos da minha vida (mestrado e doutorado) para trazer à cena seus *Poemas do Mar*, provocou em mim alguns questionamentos a propósito da ação do filólogo-editor e dos manuscritos modernos em sua especificidade.

Concluídos os cursos de mestrado e doutorado, motivada pela paixão de ser pesquisadora, dei início aos primeiros projetos de pesquisa, que se foram ampliando e envolvendo os amantes do saber, da pesquisa filológica, formando grupos de estudos e de pesquisa na UNEB (onde fui professora até 2009) e na UFBA. Eu e meus orientandos buscamos construir os *corpora* para a pesquisa (textos literários, de imprensa, entre outros), preparar um inventário para os textos teatrais produzidos no período da ditadura militar na Bahia, realizar a pesquisa de fontes, reunir os textos da imprensa baiana relativos ao teatro e à censura ao teatro, e desenvolver o estudo e a edição de obras literárias e dramatúrgicas.

No exercício da prática filológica, segui com a mesma energia e obstinação do Mestre Nilton Vasco da Gama (*in memoriam*), que desempenhou com excelência as ações de **ensinar** e **orientar**. Em minha trajetória acadêmica, tenho buscado cumprir, com dedicação, zelo e respeito, as lições que aprendi com meu mestre. Em relação a minha experiência docente na Graduação, trabalho com as diversas formas de fazer Filologia, da Linguística Românica à Crítica Textual, passando pelas Pesquisas Científicas (abordagens teórico-metodológicas) que discutem língua, literatura e cultura, a partir do objeto de estudo da Filologia, o

texto – objeto material, cultural e de conhecimento em suas diversas formas, conceitos e definições.

Na Pós-Graduação em Letras, destaco a minha atuação em dois programas na UFBA: a partir de 2002, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários (PPGLL) (de 2002 a 2009), na linha de pesquisa **Crítica Textual**; e, a partir de 2010 (quando se instalou novo programa), no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult), na linha de pesquisa **Crítica e Processos de Criação em Diversas Linguagens**. Aqui, desenvolvo meu trabalho na Filologia *stricto sensu* (Crítica Textual), estabelecendo diálogos com outras metodologias críticas (para além da crítica textual): a genética (Crítica Genética/Crítica de Processo) e a sociológica (Sociologia dos Textos), fazendo relacionar também áreas afins com a Filologia no estudo de textos (literários e não literários), sua edição e crítica. Também faço dialogar Literatura e Cultura, no ensino da Metodologia da Pesquisa, o que me possibilita ricas incursões por outras áreas do conhecimento, em uma relação inter e transdisciplinar, ou como afirma Oliveira (2007), na revista *Veredas*, ao trabalhar a relação da Crítica Textual e da Genética com a Arquivística Literária, por via de uma disciplinaridade interativa, prática comum ao filólogo.

Durante quase **vinte seis anos** de trabalho na área, contados até agora, nas atividades de pesquisa e de docência, busquei conciliar **Filologia e Linguística** (edição de textos para constituir a base de dados para estudo da mudança linguística na România) e **Filologia e Literatura** (edição de textos antigos e medievais, modernos e contemporâneos, como base para conhecimento das obras literárias, considerados os processos de produção, transmissão, circulação e recepção). Como pesquisadora, meu trabalho se centra no estudo de textos modernos e contemporâneos; como docente, tenho a oportunidade de explorar outros textos. Enfim, questões teóricas e metodológicas se multiplicaram no exercício de minha prática docente e de pesquisadora, nos trabalhos apresentados em eventos científicos, nos trabalhos que oriento, nas publicações que continuam a sustentar a minha investigação, recortando novos ângulos de abordagem, problematizando outras questões que ampliam nossas discussões no campo da filologia editorial.

RI: Fale-nos um pouco sobre a pesquisa que desenvolve, desde 2006, tendo como objeto de estudo textos teatrais censurados produzidos no período da Ditadura Militar na Bahia.

RB: Na pesquisa com os textos teatrais censurados, iniciada em 2006 e que certamente ainda se estenderá por mais anos, nós, pesquisadores da Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), estamos comprometidos com o trabalho filológico que intenta atualizar, a partir dos subsídios teórico-metodológicos que sustentam a prática de edição de textos, a produção teatral de um período histórico e culturalmente conturbado, evidenciando os caminhos e descaminhos do texto censurado (cortes e marcas do ato de censura). São documentos de valor histórico-cultural produzidos por uma sociedade marcada no tempo e no espaço. Estamos, assim, contribuindo para o conhecimento dessa dramaturgia produzida na Bahia, dando visibilidade a essa produção e desvendando os meandros que se podem entrever nos diversos testemunhos editados e lidos criticamente no Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC)³.

Todos os materiais reunidos em nossa pesquisa são de grande relevância para editores, críticos, arquivistas, e para outros investigadores, uma vez que os arquivos são os espaços que contém a memória cultural, incluindo-se aí as manifestações de língua e literatura, e, deles e neles, se podem estudar vários aspectos que caracterizam toda a matéria que compõe essa massa documental. Começamos pelo inventário dos textos (teatrais e de autores baianos (esse mais modesto)), avançamos para a pesquisa nos jornais (buscando os jornais que traziam matérias sobre o teatro e a censura, fotografando e digitalizando todo o material), para a entrevista a pessoas da classe teatral, organizamos dois catálogos, uma para os textos teatrais e outro para os textos de imprensa, o primeiro em fase de revisão para publicação e o segundo, ainda em processo de elaboração, dada a grande quantidade de matérias de jornais que dispomos em nosso acervo. Também foram discutidos e (re)pensados alguns produtos editoriais, sobretudo a edição digital/eletrônica. Concretizam-se aqui, como práticas filológicas, a pesquisa de fontes e a edição de textos.

³ O Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC) traz obras de mais de cinquenta dramaturgos e mais de duzentas matérias de jornais que circularam na Bahia, além de entrevistas realizadas com algumas das pessoas da cena baiana que fizeram teatro no referido período. Para tais documentos, preparamos as fichas que serão disponibilizadas nos catálogos que estão sendo organizados para atender aos pesquisadores.

O Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET) da Universidade Federal da Bahia, sob a minha coordenação e orientação, tem desenvolvido para os textos da dramaturgia baiana ou produzidos para encenação na Bahia, **edições**: a) **críticas**, por Ludmila Antunes de Jesus (2008), Isabela Santos de Almeida (2011; 2014) e Débora de Souza (2012); b) **interpretativas**, por Isabela Santos de Almeida (2011), Mabel Meira Mota (2012), Williane Silva Corôa (2012), Ludmila Antunes de Jesus (2014), Carla Ceci Rocha Fagundes (2014) e Hugo Leonardo P. Correia (2014); c) **genéticas**, por Eduardo Silva Dantas de Matos (2014) e Liliam Carine da Silva Lima (2014); d) **sinópticas**, por Fabiana Prudente Correia (2013), Arivaldo Sacramento de Souza (2014) e Isabela Almeida (2014); **fac-similares**, realizadas por todos, sobretudo em suporte eletrônico ou em mídias digitais; e) **eletrônicas/digitais ou em suporte eletrônico (arquivo hipertextual)**: em 2011, Isabela Almeida; em 2012, Mabel Meira Mota, Williane Silva Corôa e Débora de Souza; em 2013, Fabiana Prudente Correia; em 2014, Ludmila Antunes de Jesus, Arivaldo Sacramento de Souza, Hugo Leonardo P. Correia e Isabela Almeida.

Até o presente momento, a Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC) produziu seis (6) trabalhos de conclusão de curso, dez (10) dissertações, e quatro (4) teses, todos sob minha orientação, e apresentou produtos editoriais e estudos críticos filológicos que trazem à cena a produção de escritores/dramaturgos baianos, ou de dramaturgos que viveram na Bahia, como Ademario Ribeiro, Jurema Penna, Arivaldo Matos, Antônio Cerqueira, Nivalda Costa, João Augusto, Cleise Mendes, Rogério Menezes, ou ainda de dramaturgos que tiveram suas peças encenadas na Bahia, como Bemvindo Sequeira, Fernando Mello e Roberto Athayde. Outros trabalhos estão sendo desenvolvidos também sob minha orientação, a saber: as teses de Mabel Meira Mota, Fabiana Prudente Correia, Carla Ceci Rocha Fagundes, Débora de Souza e Hugo Leonardo Pires Correia.

Nos artigos intitulados, *Entre acervos, edição e crítica filológica* e *Edição e estudo do texto teatral censurado: uma visão panorâmica da crítica filológica*, publicados nos Cadernos do XVI CNLF, em 2012, e do XIX CNLF, em 2015⁴, apresentei sumariamente os trabalhos desenvolvidos até aquele momento com o intento de traçar uma visão panorâmica da atividade editorial e da crítica filológica. No

⁴ Consultar trabalhos no endereço eletrônico: www.filologia.org.br/cnlf.html

repositório institucional da UFBA também podem ser consultadas as dissertações e teses defendidas.

RI: Em diferentes momentos, e mesmo na atualidade, o trabalho filológico é, algumas vezes, ignorado. Considerando o período em que iniciou sua pesquisa até o momento atual, notou mudanças significativas no que tange aos estudos desenvolvidos em Crítica Textual?

RB: Aprendi, desde cedo, que os estudos filológicos demandavam um lugar de grande importância em nossos cursos de Letras, mesmo à custa do descaso e do desinteresse de alguns. Nilton Vasco da Gama sempre defendeu a prática de tais estudos, atribuindo-lhes papel preponderante na formação de professores e pesquisadores da área humanística (eu sou exemplo desta prática). Nas reformas curriculares, quando se discutia a situação da Filologia em muitos dos cursos de Letras, a Filologia era ameaçada de corte. Na UNEB, defendi a manutenção da Filologia em nosso quadro de disciplinas (componentes curriculares), como também fiz sugestões para a reformulação de antigos componentes curriculares e a criação de outros, sugestões aceitas pela Comissão Central. A conquista mais significativa foi fazer da Crítica Textual disciplina obrigatória nos cursos de graduação em Letras da UNEB. Na UFBA, os componentes curriculares foram modificados em seu conteúdo ou nos nomes que receberam. As modificações efetivadas objetivavam mostrar uma tendência dos estudos filológicos, atualizada e coerente com as demandas da investigação que envolve, nos cursos de Letras, de forma indissociável, língua, texto e cultura, construindo identidades e definições para a Filologia que fazemos em nossa prática docente.

Pensamos em uma Filologia (Crítica Textual) que, na relação com a Linguística, estuda a mudança na língua, como resultado dos processos de produção e das práticas de cultura escrita, sendo os textos os utentes dessa língua, como afirma Lola Pons Rodriguez, em *Historia de la Lengua y Crítica Textual*. Segundo Pons Rodríguez (2006, p.9) “Los textos son – por forzosa metonimia – nuestros hablantes, representan a la lengua de quienes los escribieron y encarnan a nuestros informantes pretéritos, ya perdidos”; e que, na relação com a Literatura, estuda a mudança no texto, que resulta da ação daquele que escreve

e reescreve o texto e da ação de outros “atores sociais”, nas palavras de Roger Chartier (2010), todos envolvidos com os processos de produção, transmissão histórica e circulação social dos textos, bem como os temas da cultura ocidental medieval que se atualizam em novas práticas literárias.

Ressalto, ainda, que a Universidade Federal da Bahia é um polo formador de filólogos que lá atuam e nas demais universidades do estado, e um centro de referência, pelas atividades de pesquisa desenvolvidas, diferentemente de outras instituições de ensino superior que, infelizmente, ou perderam a Filologia em seus currículos ou somente trabalham com uma ou outra vertente, Filologia Românica (Linguística Românica) ou Crítica Textual, ou simplesmente não as inclui na grade curricular. Assim, ao longo de vários anos, mudanças significativas ocorreram pelas ações, mãos e mentes daqueles que assumiram o compromisso de defesa de um lugar para a Filologia, e somos, no Brasil, aqueles que desenvolvem os **estudos filológicos** em toda sua amplitude, considerando as duas vertentes: **Linguística Românica e Crítica Textual**.

RI: Considerando o estágio atual de sua pesquisa, quais os resultados alcançados, que julga serem mais significativos, e como eles podem contribuir para os estudos desenvolvidos nas áreas de pesquisa Crítica Textual e Crítica Genética?

RB: Como resultados de nossa pesquisa, além dos trabalhos acadêmicos realizados, destaco nossa produção em livro, dois, publicados em 2012: *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a filologia em diálogo com a literatura, a história e o teatro* e *Edição de texto e crítica filológica*. O primeiro estrutura-se em quatro capítulos: 1. Filologia e Literatura: lugares afins para estudo do texto teatral censurado (Rosa Borges); 2. A Edição de textos: por uma prática editorial (Débora de Souza, Fabiana Correia e Ludmila Jesus); 3. Do arquivo filológico para a filologia do arquivo: adentrando os espaços de preservação da memória do teatro baiano (Arivaldo Sacramento, Eduardo Matos e Isabela Almeida); 4. História e Teatro: unidos pela filologia para estudo do texto teatral censurado (Luís César Souza e Williane Corôa). *Edição de texto e crítica filológica* estrutura-se em cinco capítulos: 1. Filologia e edição de texto (Rosa Borges e Arivaldo Sacramento); 2. Edição crítica em perspectiva genética (Rosa Borges); 3. Edição genética (Eduardo Matos); 4. Edição interpretativa em meio digital (Isabela Almeida); 5. Edição sinóptica (Arivaldo Sacramento). Nos livros, trouxemos

uma reflexão acerca da práxis filológica na contemporaneidade, ilustrando nossa prática editorial com alguns modelos de edição.

Coube-nos, nesses trabalhos, discutir o labor do filólogo, a pesquisa filológica, suas práticas e atualizações, considerando os materiais e as diversas situações textuais com as quais trabalhamos, envolvendo as produções literárias e dramatúrgicas de autores modernos. Foi preciso entender as situações textuais distintas, complexas, com suas idiossincrasias, e que, por isso mesmo, mereciam, de nossa parte, tratamento diferenciado, metodologia coerente e atualizada, a depender de quem escreve, de onde escreve, de suas posições políticas, sociais, culturais e ideológicas, a exemplo de Cleise Mendes, Ildásio Tavares e Ariovaldo Matos, que transitam por lugares distintos, mas afins, entre literatura, teatro e jornalismo (este último para Ariovaldo Matos). Também consideramos, em nossas investigações, o contexto de produção desses documentos, testemunhos, monumentos, sua forma de inscrição, e o lugar onde são guardados, arquivos e acervos.

A partir dos trabalhos desenvolvidos, realizamos a prática da crítica e da edição de textos, propondo uma releitura e uma revisão da práxis filológica, discutindo a metodologia da crítica textual aplicada aos diversos textos, principalmente, aos textos teatrais, por natureza, efêmeros e inconclusos, ou ainda marcados pela ação do(s) autor(es), do diretor, dos atores, e de outros, que se constroem de vários outros elementos, como figurino, iluminação, entre outros. Desse modo, incursionando pela Crítica Genética (Louis Hay, Grésillon, Biasi) e pela Bibliografia Textual e Sociologia dos Textos (Crítica Sociológica) (Jeromme McGann e McKenzie), buscamos refletir sobre algumas questões de ordem epistemológica para o laboratório da Crítica Textual, a saber: as noções de autoria e de texto e a tensão unidade/diversidade textual para repensar “o estabelecimento/a fixação do texto”, bem como as formas de apresentação do texto em uma edição.

Quanto aos primeiros trabalhos por mim orientados, o de Marta Brasil (2006) e o de Bárbara Cristina M. da Silva (2008), que se propunham a estudar e editar alguns Sonetos inéditos, de Godofredo Filho⁵, e *Luz Oblíqua*, de Ildásio Tavares⁶,

⁵ Marta Brasil (2006) preparou a edição de alguns dos poemas de Godofredo Filho, éditos, publicados em jornais e revistas, e inéditos, trazendo breves considerações sobre o Acervo do escritor, traçando o perfil do poeta e do intelectual à frente do Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), dando relevo ao seu papel como

respectivamente, fiz a condução para as pesquisas a partir da metodologia empregada em minha tese, com os *Poemas do Mar*, de Arthur de Salles, embora não reproduzindo o mesmo modelo⁷. Em perspectiva genética, uma dissertação e uma tese, por Eduardo Matos (2011; 2014) (com os manuscritos de *Cândido ou O Otimismo*, uma adaptação de Cleise Mendes) e uma dissertação, por Liliam Lima (2014) (com os manuscritos de *Manual de construção*, de João Augusto), foram produzidas. Também em perspectiva genética, duas teses estão sendo preparadas por Ionã Scarante (com manuscritos de Mady Crusoé, escritora baiana) e por Elisabete Alencar (com manuscritos de Moreira Campos, escritor cearense). A pesquisa sobre as variantes e variações desenvolvida pelos filólogos permite entender o processo da criação artística (gênese e história do texto ou da obra) em seus múltiplos aspectos, bem como apresentar e editar as diferentes versões de um texto, examinando suas características, do manuscrito (em sentido amplo) ao impresso (à publicação) e ainda ao digital.

Na realização das edições e dos estudos críticos dos textos teatrais, foi necessário levar em conta as especificidades do gênero teatral. Trata-se de texto muitas vezes escrito a várias mãos, inconcluso, feito para ser encenado, marcado pela diferença entre texto dramático e texto cênico. D. F. McKenzie (2005[1986], p. 65) chama-nos a atenção para a impotência desconcertante que há na relação entre a crítica textual com as realidades da produção teatral, pois “[l]as fuentes de un evento como este son el dramaturgo, el director, el diseñador, el compositor, los técnicos; sus mensajes se transmiten con el cuerpo, la voz, el vestuario, los accesorios [...]”. Assim, “[t]odas las versiones implican

precursor do Movimento Modernista na Bahia. O *corpus* documental de sua dissertação foi constituído de dez textos éditos, com testemunhos autógrafos e impressos, e quatorze inéditos, datiloscritos autógrafos.

⁶ A dissertação de Mestrado *Luz Oblíqua, obra inédita de Ildásio Tavares: edição crítica e estudo do sujeito-poeta* defendida por Bárbara Silva (2008) teve como foco a obra *Luz Oblíqua*, do escritor baiano Ildásio Marques Tavares. *Luz Oblíqua* é parte do projeto *As Flores do caos*, de que também fazem parte *Redondilhas* e *Versos Livres*, e fora desenvolvido entre 1982 e 1988 e retomado em 2006. O estudo foi desenvolvido sob a metodologia da Crítica Textual, através da atividade de edição crítica, e sob as orientações da Análise de Discurso, de linha francesa, filiada a Michel Pêcheux. A primeira contribuiu para a realização da edição crítica dos setenta e sete poemas constituintes da obra, e a segunda, para a análise de vinte e nove poemas, cujo tema principal era a metapoesia. A partir desse tema foi possível configurar o sujeito-poeta, com base no conceito de *ethos*.

⁷ Apresentei uma proposta de edição crítico-genética para a obra *Poemas do Mar* do poeta baiano Arthur de Salles (1879-1952) (CARVALHO, 2002).

una forma ideal que nunca se completa del todo, que solo es percibida y expresada parcialmente por cada una de ellas” (MCKENZIE, 2005[1986], p. 66). Diante dessa situação textual trazida pelo texto teatral, optamos por editar cada versão para que se possa mostrar a historicidade delas. As novas tecnologias são, então, instrumentos para a apresentação e o fazer da própria edição, trazendo a história do texto, a partir das diversas abordagens críticas. Nessa questão, a tese de Isabela Almeida (2014) traz importante contribuição ao discutir a crítica filológica nas tessituras digitais. Para conciliar o exercício das abordagens críticas, a melhor proposta de edição seria a eletrônica, pois como afirma Morrás (1999, p. [3]):

La informática interesa a estas corrientes de la crítica sobre todo por los nuevos modos de presentación textual que brinda el formato electrónico y por su capacidad de almacenar ingentes cantidades de texto con un coste y un espacio mínimos.

Assim sendo, a proposta de constituição de um arquivo e de uma edição digitais efetiva-se como produto das novas tecnologias, de um novo tempo, que, além de caracterizar um novo modelo de textualidade, justifica os novos modos de edição que uma obra requer para “dar cuenta de su complejidad (en su génesis, su transmisión, su recepción), que el formato en papel no permite [...]” (LUCÍA MEGÍAS, 2012, p. 120), diferente do hipertexto, que não somente possibilita “[...] la actualización continua de los materiales presentados, sino también el diseño de la presentación de sus materiales para ofrecer varios niveles de lectura y análisis según las inquietudes y necesidades del lector” (LUCÍA MEGÍAS, 2012, p. 120).

Todos os trabalhos realizados ou em andamento no nosso Grupo de Pesquisa contribuem para a renovação das formas de leituras dos objetos culturais. As práticas filológicas evidenciam as ações de pesquisadores que, provocados pelos textos ou criações artísticas de natureza diversa, atualizam teorias e métodos no tratamento de seu objeto de estudo. A Filologia desenvolve-se em diferentes práticas interativas, através dos gestos de editar e interpretar, sobretudo fazendo dialogar a Crítica Textual, a Crítica Genética e a Sociologia dos Textos, bastante coerente com a linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Crítica e processos de criação em diversas linguagens. Além disso, a relação entre Filologia e Genética tem-se mostrado

bastante produtiva no PPGLitCult, principalmente pela qualidade dos trabalhos desenvolvidos e defendidos na referida linha de pesquisa. Na atualidade, os desdobramentos da Filologia e sua interação com outras áreas do conhecimento têm trazido novas perspectivas de estudo.

RI: Há muitos anos, tem-se discutido a questão autoral, buscando-se desvelar as diferentes instâncias em torno dessa figura. Pensando no trabalho de edição de textos, na contemporaneidade, como pode ser compreendido o papel do editor filólogo?

RB: Para a crítica literária moderna, o autor é aquele que permite explicar tanto a presença de certos acontecimentos numa obra como as suas transformações; é o princípio de certa unidade de escrita; é uma espécie de foco de expressão, que, sob as formas mais ou menos acabadas, manifesta-se da mesma maneira, e com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos etc.. O autor (*scriptor*) é aquele que alimenta o texto; é anterior e exterior ao texto; é o princípio e o fim do texto. O texto, porém, deixa de ser um produto para ser produção da linguagem. A obra passa a ser uma pluralidade de vozes.⁸ Todos esses aspectos permitem mostrar a transformação da filologia editorial.

A crítica textual, através dos métodos de K. Lachmann e de J. Bédier, pressupõe um conceito estático do texto crítico, somente abrindo para os textos e suas versões quando são considerados a história da tradição e o estudo das variantes de autor, com G. Pasquali e G. Contini, respectivamente. Nesse sentido, a Crítica Genética, a Bibliografia Textual e a Sociologia dos Textos levam em conta a pluralidade de estados de um texto, de uma obra, seja pelos **movimentos de gênese**, seja pela **ação dos diversos atores sociais** no processo de produção, transmissão e circulação. Ao observar as modificações textuais como resultado da **ação do autor – escritor, leitor, revisor, crítico** – e do **autor** (que já assume esses diferentes papéis) **ao lado de outros agentes sociais e culturais que trabalham na publicação do texto (revisor, diagramador, ilustrador, editor e outros)** numa produção colaborativa, tomamos consciência do papel do filólogo-editor, também como agente mediador no processo de

⁸ Tais definições para autor são pautadas em leituras de: *O prazer do texto*, de Roland Barthes (1974), *O rumor da língua* (1987), *Questões de literatura e de estética: teoria do romance*, de Mikhail Bakhtin (1987), *Nietzsche e a filosofia*, de Gilles Deleuze (1976), *A escritura e a diferença e Gramatologia*, de Jacques Derrida (1971; 1973), *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber e O que é um autor?*, de Michel Foucault (1966; 1972; 1992).

circulação e recepção do texto editado criticamente. É o filólogo responsável pelo texto crítico que traz ao conhecimento do público, com suas escolhas, seus comentários e estudos críticos.

Assim, no campo da crítica textual, podemos observar como a práxis filológica se desenvolveu, por um lado, buscando o texto representativo do ânimo autoral, o “correto”, o texto do autor, e, por outro, o texto que resulta de uma construção intelectual do editor, que assume papéis diferentes editor/autor/leitor, conquistando “un espacio intelectual de pluralidad, argumento y debate” (GUMBRECHT, 2007[2003], p.49). Os filólogos, para além das três tarefas básicas a cumprir, “[i]dentificar fragmentos, editar textos y escribir comentarios históricos” (GUMBRECHT, 2007[2003], p.15), tomam consciência a propósito dos períodos históricos e culturas distintas e de sua ação interventiva. Somos intelectuais que atuam na produção de novos sentidos ao editar um texto e não meros preparadores de texto para que outros intelectuais possam desenvolver suas leituras teóricas.

Algumas escolas filológicas defendem ainda que editar deve ser uma tarefa independente da intenção do editor, o qual deve comprometer-se apenas em buscar o texto do autor, eximindo-se da responsabilidade pelas escolhas que realiza. No entanto, ao longo do tempo, vimos outras práticas filológicas firmarem-se no princípio de que o editor faz escolhas, conforme tese defendida por Gumbrecht (2007[2003]) de que todo editor adota papéis distintos em sua prática profissional, pois

[...] [c]ada uno de los papeles que los editores adoptan (en dos niveles distintos: papeles de autor, y papeles de editor) pueden incluirse bajo diferentes tipos de construcciones subjetivas, y tales afinidades de diferentes papeles del editor con diferentes construcciones subjetivas nos ayudarán a entender los diversos estilos filológicos que encontramos en nuestro entorno profesional (GUMBRECHT, 2007[2003], p. 39).

Segundo Gumbrecht (2007[2003]), a edição de textos é um processo de eleição em vários níveis e, nesse processo, o sujeito-editor também se constitui nos múltiplos atos de eleição, produzindo outros sentidos, a partir de sua ação. Gumbrecht (2007[2003], p. 43) sustenta o argumento de que

[...] el trabajo filológico produce inevitablemente un papel de editor, y que tal papel de editor presupone y en parte da forma a la producción de un hipotético papel de autor; en otras palabras, que el papel do editor siempre lleva encapsulado un papel de autor. Al mismo tiempo, no hace falta aclarar que el papel de editor contiene a su vez múltiples papeles de lector.

Nessa perspectiva da Nova Filologia que considera os manuscritos em sua materialidade, bem como os diversos papéis desempenhados pelo filólogo, editor/autor/leitor, é que se faz nossa investigação, propondo abordagens críticas e modelos editoriais que se destacam no contexto da prática filológica contemporânea, a partir de edições críticas (histórico-críticas, sinóptico-críticas), interpretativas, genéticas e digitais/eletrônicas ou ainda da montagem de um arquivo hipertextual.

Propomos modelos editoriais, pautados na crítica filológica, que trazem textos em suas diferentes versões, mesmo quando elegemos um, dentre os vários textos, para a fixação. Descrevemos os textos em sua materialidade, caracterizamos as tradições textuais e os processos de transmissão, examinamos a história dos textos, interpretamos os dossiês arquivístico e genético (BORGES, 2012). Discutimos também aspectos, como a instabilidade textual, o significado das versões, que compreende a produção, transmissão, recepção e publicação do texto. Nessa perspectiva, a tese de Souza (2014) proporciona a organização sistemática dos princípios teóricos que justificam a renovação da prática filológica.

Na tese de Matos (2014), os múltiplos papéis do editor são a principal orientação para sua ação de filólogo. Nela, ele discute as

[...] possibilidades de compreender a noção de autoria, considerando-se que esta é uma etiqueta que o fazer crítico impõe aos documentos de criação, os quais não trazem em si pistas secretas para reconhecimento, mas apenas marcas físicas a partir das quais o filólogo pode operar. Reflete-se a respeito dos impactos que os deslocamentos e descentramentos construídos acerca da noção de autoria produzem no modo de compreender as relações entre subjetividade e práticas de escrita, propondo-se que estas práticas, às quais o crítico só tem acesso pela via das marcas legadas, são o espaço de uma espécie de fazer ficcional do filólogo, o qual, mesmo que escondido na pretensa objetividade das etapas de descrição, transcrição e interpretação, constituintes básicos de qualquer proposta editorial, produz sempre, no cumprimento dessas etapas, um saber especificamente motivado por seu

modo de interpretar, no jogo entre aquilo que mostra e aquilo que recalca (MATOS, 2014, resumo).

As edições, assim, devem dar a ler toda a tradição dos textos, a partir de sua história (processo de transmissão), e as transformações do/no texto. O **texto** é entendido, na pesquisa filológica, como produto histórico, **não sendo criação apenas de seu autor, mas de outros atores que atuam na mediação da obra**. As mudanças que fizeram entender o texto como **processo** e como **produto histórico, social e cultural**, e o **autor**, como **escritor e leitor** que se constroem no texto, motivaram a renovação da prática editorial na contemporaneidade. Cabe, então, a esse filólogo-editor assumir suas escolhas e leituras na edição e crítica de textos.

RI: Na Bahia, diferentemente do que ocorre em outros espaços, há, nos estudos realizados, um diálogo constante entre Crítica Textual e outras áreas, em especial, a Crítica Genética. Fale-nos um pouco sobre a importância desses enlaces nas pesquisas desenvolvidas.

RB: Na Pós-Graduação em Letras da UFBA, a interdisciplinaridade, a recepção de teorias e metodologias provenientes de outros centros de estudo no mundo e o contato com pesquisadores de outras universidades possibilitaram, aos poucos, a ampliação dos estudos na área de Letras, fazendo entrecruzar saberes. No campo da Filologia, que desde suas origens faz interagir diferentes saberes, destaque, inicialmente, a relação com a Linguística, que, a partir da instalação do Mestrado em Letras no ano de 1976, foi uma das áreas de concentração menor. Com a reestruturação do Curso de Mestrado em Letras em 1992, a **Filologia Românica** passou a uma das áreas de concentração da Macroárea de Estudos Linguísticos, oferecendo formação em estudos de Linguística Histórica, em especial em Filologia Românica.

Em 1995, houve nova reestruturação da Pós-Graduação em Letras: as vertentes dos estudos filológicos na UFBA tornam-se, então, linhas de pesquisa, nos Cursos de Doutorado e Mestrado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), **Mudança linguística na România** (área de concentração **Linguística Histórica**) e **Crítica Textual** (área de concentração

Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura). A partir de 2010, considerando a relação Filologia, Linguística e Literatura, os estudos filológicos se realizam nos dois Programas da Pós-Graduação em Letras em duas linhas de pesquisa distintas: **Filologia Textual**, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, e **Crítica e Processos de Criação em Diversas Linguagens**, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura.

Essa relação entre saberes de diversas áreas, na práxis filológica, passa pelo entendimento do texto investigado em seus processos de produção, transmissão, circulação e recepção. Em perspectiva material, dinâmica, processual e histórica, o texto é um lugar de complexidade que merece uma abordagem atenta no campo da Filologia contemporânea que busca desenvolver uma leitura ativa e crítica de seu objeto de investigação, diferente de outros estudos que se possam desenvolver do texto. Além de ocupar-se do estabelecimento crítico de um texto (que está no centro), a Filologia, pelo viés da prática desconstrutora dos pós-estruturalistas, renova-se, ou melhor, atualiza-se, desta vez comprometendo-se com a dispersão, a pluralidade textual, os centros provisórios, trazendo à cena os textos que estavam relegados à periferia.

Conforme Tavani (1988), em *Los textos del siglo XX*, o texto não é pensado como um dado nem como uma entidade estável, nem como um elemento estático, mas, ao contrário, como processo, variável, dinâmico, plural, em que suas diferentes redações são entendidas como etapas de um processo, devendo ser consideradas separadamente. Nesse contexto, a crítica textual genética e a crítica textual sociológica se ocupariam, respectivamente, do estudo do texto em seu processo de produção e de circulação, observando-se as mudanças documentadas nos testemunhos da tradição manuscrita, impressa e/ou digital, por ação do *scriptor* e seus múltiplos e dos demais atores sociais (agentes) que atuam na mediação editorial e que evidenciam como dada sociedade reinventou um texto. Desse modo, faz-se necessário rever a prática editorial, como ato crítico e interpretativo, cujos propósitos distintos levariam a resultados diferentes: edições teleológicas e pragmáticas.

Acredito que a minha tese tenha inaugurado um movimento de rasura dos procedimentos teleológicos da atividade de edição, propondo uma edição crítico-genética, resultante da relação entre Filologia e Genética, e, embora tenha apresentado um texto crítico, não deixei de considerar a pluralidade de versões

e testemunhos, a história dos textos e a gênese da obra *Poemas do Mar*, ao estudar as variantes de autor. Porém foi a experiência com o texto produzido para o teatro, tomado em sua especificidade, inacabado, em constante reformulação, escrito para ser encenado, modificado a cada encenação pelos gestos de leitura e mediação de vários agentes sociais, que me fez (re)pensar os contornos de uma metodologia que pudesse orientar a prática editorial do filólogo que se ocupa do texto como produto e processo, conciliando, assim, os métodos da crítica textual, da crítica genética e da crítica sociológica (Sociologia dos Textos), assim como outros campos disciplinares, História, Teatro, Sociologia, etc..

É importante mostrar aos futuros professores e pesquisadores, em uma abordagem histórico-cultural, o compromisso social do filólogo que, a partir dos e nos textos (documento/testemunho(prova)/monumento(memória)), narra a história dos homens e das sociedades que os construíram (e neles se constroem), tomando como chaves de leitura traços e marcas do processo de produção e de recepção que se registram na materialidade dos testemunhos que transmitem o texto. A prática de edição, então, seria instrumento para pensar arquivos ou acervos de língua, de literatura e de cultura. Nesse sentido, nosso trabalho com os acervos baianos e outros acervos que guardam documentos do período ditadura militar ilustra tal prática. Esses acervos são espaços para a preservação da memória do teatro baiano, que será atualizada a partir dos documentos arquivados, a saber: textos teatrais encaminhados à Divisão de Censura e Diversão Pública (DCDP) do Departamento de Polícia Federal (DPF) para julgamento, solicitações, pareceres dos censores, certificados de censura, cartazes, textos manuscritos, datiloscritos e impressos, matérias de jornal, entre outros.

Assim sendo, a Crítica Textual, a Crítica Genética, a Bibliografia Textual e a Sociologia dos Textos são lugares que se entrecruzam na investigação filológica contemporânea. Está-se diante de uma situação em que vários agentes interferem na produção, reprodução e impressão de uma obra, de uma variedade de formas autorizadas. A prática dos diferentes pesquisadores tem feito repensar o trabalho de edição de textos, desde a organização dos arquivos à constituição dos dossiês, arquivístico e genético, e sua interpretação, ao tratamento dado às múltiplas versões de um texto até a sua fixação, quando for

o caso. Enfim, diversas abordagens críticas (filológica, genética, sociológica) estão em profícuo diálogo na filologia editorial e apresentam resultados expressivos no PPGLitCult por meio das dissertações e teses que trazem, para além dos estudos críticos que se orientam por essas relações, outros enlaces da Filologia com a Arquivologia, com a Informática, com a História Cultural, entre outras áreas que atendam ao objeto de estudo em questão.⁹

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. S. *Três fios do bordado de Jurema Penna: leituras filológicas de uma dramaturgia baiana*. f. 246 Il. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- ALMEIDA, I. S.. *A crítica filológica nas tessituras digitais: arquivo hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna*. 2014. 321 f. 2 v. (um volume em site). Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- BORGES, R. Entre acervos, edição e crítica filológica. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 16., 2012, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF (CiFEFil). Rio de Janeiro: CiFEFil, 2012. v. 16. p. 515-524. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/045.pdf>.
- BORGES, R. et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.
- BRASIL, Marta Maria da Silva. *Edição de alguns poemas éditos e inéditos de Godofredo Filho*. Salvador: UFBA/PPGL, 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. *Poemas do Mar de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. 2002. xxxvi + 809 + 56 il. 2v. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- CHARTIER, R. *A História ou a leitura do tempo*. Tradução Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

⁹ Consultar o capítulo de minha autoria “Filologia, genética e sociologia dos textos” no Compêndio de Crítica Genética publicado em 2015.

-
- CORÔA, W. S. *Edição de texto e estudo da linguagem proibida em Malandragem made in Bahia, de Antonio Cerqueira*. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- CORREIA, F. P. *O desabrochar de uma flor em tempos de repressão: edição e crítica filológica de Apareceu a Margarida, de Roberto Athayde*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- CORREIA, H. L. P. *Bemvindo Sequeira e a cena política nas tramas de Me segura que eu vou dar um voto: edição e crítica filológica do texto teatral*. 2014. 216 f. + DVD. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- FAGUNDES, C. C. R. *Edição e crítica filológica de Pau e Osso S/A do Amador Amadeu: o teatro amador em cena*. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- GRÉSILLON, A. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007 [1994].
- GUMBRECHT, H. U. *Los poderes de la filología: dinámicas de una práctica académica del texto*. Tradução Aldo Mazzucchelli. México: Universidad Iberoamericana, 2007 [2003].
- JESUS, L. A. *Teatro de cordel de João Augusto entre arquivo(s), edição e estudos*. 2014. 177 f. + DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- JESUS, L. A.. *A Dramaturgia de João Augusto: edição crítica de textos produzidos na época da ditadura militar*. 2008. 202 f. Dissertação (Mestrado em Letras em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2008.
- LIMA, L.C. da S. *Manual de construção, a arquitetura poética de João Augusto: edição genética e estudo crítico*. 2014. 207f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2014.
- LUCÍA MEGÍAS, J. M. *Elogio del texto digital: claves para interpretar el cambio de paradigma*. Madrid: Fórcola, 2012.
- MATOS, E. S. D. *O manuscrito autógrafo e suas rasuras: autoria, subjetividade e edição*. 2014. 202f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MATOS, E. S. D. *Os manuscritos de Cândido ou O Otimismo – o herói de todo caráter, uma adaptação de Cleise Mendes: leituras do processo de criação e proposta de edição genética*. 2011. 208f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

MCKENZIE, D. F. *Bibliografía y sociología de los textos*. Tradução Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005[1986].

MORRÁS, M. “Informática y crítica textual: realidades y deseos”. In: *Filología e informática: nuevas tecnologías en los estudios filológicos*, Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona (Seminario de Filología e Informática, Departamento de Filología Española), 1999, p. 189-215. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=167287>>. Acesso em: 06 out. 2011.

MOTA, M. M. *Da trama do arquivo à trama detetivesca de Irani ou As Interrogações, de Ariovaldo Matos: leitura filológica do arquivo e edição do texto*. 2012. 220 f.. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

OLIVEIRA, A. B. Arquivística literária: notas de memórias e perspectiva. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Porto Alegre, n. 8, p. 373-382, 2007.

PONS RODRÍGUEZ, Lola. La Historia de la lengua y la historia de las transmisiones textuales. In: ____ (Ed.). *Historia de la Lengua y Crítica Textual*. [s.l.]: Iberoamericana; Vervuert, 2006.

SANTOS, R. B. (Org.). *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a Filologia em diálogo com a Literatura, a História e o Teatro*. Salvador: EDUFBA, 2012.

SANTOS, R. B. Edição e estudo do texto teatral censurado: uma visão panorâmica da crítica filológica. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGOLOGIA, 19., 2012, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF (CiFEFil). Rio de Janeiro: CiFEFil, 2012. v. 16. p. 57-74. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/05/005.pdf>.

SANTOS, R. B.. Filologia, genética e sociologia dos textos. In: ROMANELLI, S. (Org.). *Compêndio de crítica genética: América Latina*. Vinhedo: Horizonte, 2013/2015. p. 43-50.

SILVA, Barbara C. de C. Martingil da. *Luz Oblíqua, obra inédita de Ildásio Tavares: edição crítica e estudo do sujeito-poeta*. 2008. 388f. Inclui anexos. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

SOUZA, A. S.. *Nas tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá: crítica filológica e estudo de sexualidades*. 2014. 358 f. + DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SOUZA, D. *Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa: processo de construção dos textos e edição*. 2012. 251 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TAVANI, Giuseppe. Los Textos del siglo XX. In: SEGALA, Amos (Org.). *Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e. siècle: théorie et pratique de l'édition critique*. Roma: Bulzoni, 1988. p. 53-63.